

Vida no campo: identidade e resistência além da nostalgia em um município paranaense

Living in the countryside: identity and resistance that goes
beyond nostalgia in a paraná town

Vida de campo: identidad y resistencia m s all  de la
nostalgia en un municipio de paraná

Julio Rodrigues de Oliveira  

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campo Mourão (PR), Brasil
olineto20@gmail.com

Marcos Clair Bovo  

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campo Mourão (PR), Brasil
mcbovo69@gmail.com

Resumo

A can o “No Rancho Fundo” reflete a melancolia do  xodo rural e a transforma o do campo em ativo econ mico. Este estudo está fundamentado na Geografia Cultural e nos Estudos Culturais a partir da interdisciplinaridade. Assim sendo, objetivamos analisar as práticas culturais em Roncador-PR, por meio das cavalgadas, trilhas de moto e caminhadas pela natureza que constroem as identidades rurais. Além disso, aborda impacto na promo o do turismo rural e na resistência   marginaliza o do campo pelo agronegócio. Com abordagem qualitativa, a pesquisa articula referenciais teóricos e relatos de participantes, evidenciando que tais práticas fortalecem laços comunitários e o sentimento de pertencimento. Jovens utilizam redes sociais para afirmar sua identidade rural, ressignificando o campo como espaço de cultura, memória e resistência, além de sua fun o produtiva. O estudo destaca a importância de valorizar saberes, tradi es e inova es rurais para promover justiça social em um contexto de urbaniza o e centralidade capitalista.

Palavras-chave: Identidade rural. Práticas culturais. Pertencimento.

Abstract

The song “No Rancho Fundo” describes the melancholy when it comes to rural flight and the transformation of countryside into an economic asset. This study is based on Cultural Geography and Cultural Studies, focusing on interdisciplinarity. That being said, this paper aims to analyze cultural practices in a town called Roncador, Paraná state, which includes horseback riding, dirt bike trail and hiking in nature, those being practices that build rural



identities. Besides, it also discusses the impact on the rural tourism promotion and the resistance when it comes to countryside disempowerment to agribusiness. Following a qualitative approach, this research combines theoretical framework and people report, confirming that these practices strengthen community ties and the sense of belonging. Young people tend to use social networks in order to claim their rural identity, which gives a new meaning to the countryside as a space full of culture, memory and resistance, that goes beyond its productive purpose. This study highlights the importance of valuing rural knowledge, tradition and innovation in order to promote social justice in a context of urbanization and centrality of capitalism.

Keywords: Rural identity. Rural culture. Cultural practices. Sense of belonging.

Resumen

La canción No Rancho Fundo refleja la melancolía del éxodo rural y la transformación del campo en un activo económico. Este estudio se basa en la Geografía Cultural y los Estudios Culturales desde una perspectiva interdisciplinaria. Por ello, nos proponemos analizar las prácticas culturales en Roncador-PR, a través de paseos a caballo, recorridos en motocicleta y caminatas por la naturaleza que construyen identidades rurales. Además, aborda el impacto en la promoción del turismo rural y la resistencia a la marginación del campo por parte del agronegocio. Utilizando un enfoque cualitativo, la investigación combina marcos teóricos y relatos de participantes, demostrando que dichas prácticas fortalecen los lazos comunitarios y el sentido de pertenencia. Los jóvenes utilizan las redes sociales para afirmar su identidad rural, redefiniendo el campo como espacio de cultura, memoria y resistencia, además de su función productiva. El estudio destaca la importancia de valorar el conocimiento, las tradiciones y las innovaciones rurales para promover la justicia social en un contexto de urbanización y centralidad capitalista.

Palabras-clave: Identidad rural. Cultura campesina. Prácticas culturales. Pertenencia.

Introdução

“No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Nunca mais houve alegria
Nem de noite, nem de dia
Os arvoredos já não contam mais segredos
E a última palmeira
Já morreu na cordilheira.”
(Ary Barroso e Lamartine Babo, 1939)

Os versos da canção “No Rancho Fundo”, composta por Ary Barroso e Lamartine Babo e amplamente conhecida nas vozes de Chitãozinho & Xororó, traduzem com sensibilidade o sentimento de melancolia e esvaziamento afetivo que marcou a partida dos povos do campo durante o êxodo rural. Impulsionado pela modernização agrícola e pela valorização de grandes propriedades, o êxodo rural transformou o campo em ativo econômico, marginalizando sua dimensão como território de vida e reduzindo as oportunidades de permanência, especialmente no que diz respeito ao trabalho (Wanderley, 2009).

Nesse contexto, a música popular (especialmente o sertanejo) atua como uma janela interpretativa para os sentidos culturais atribuídos ao campo, como é o caso da música apresentada no início desta análise. Compreendemos, assim, que o campo não se limita a um espaço físico (voltado à produção); é um território simbólico, atravessado por memórias, afetos e modos de vida profundamente enraizados na cultura campesina, especialmente no que tange “viver do campo, e ser do campo” (Oliveira, 2023, p. xx).

Conforme Hein e Silva (2019, p. 402), “os processos, passados e em curso, que (re)produzem e (re)definem o espaço devem ser pensados a partir de múltiplas dimensões (sociais, políticas, ideológicas, econômicas, históricas, culturais) [...]”, ou seja, indo além da busca de uma terminologia, é importante compreender como esses conceitos aplicam-se em sua totalidade, a partir da integração entre diferentes áreas do conhecimento.

Em relação a esse processo de correlação entre os espaços de vivências e pertencimento, a Geografia Cultural nos permite entender que o vínculo com a terra vai além da produção, ele mobiliza identidades, pertencimentos e significados que resistem ao tempo e ao sentido econômico (Claval, 2001). Canções sertanejas, ao evocarem a “saude da minha terra”, expressam uma existência marcada pela conexão com a natureza e um pertencimento coletivo, acrescidas de memórias afetivas individuais.

Essas expressões artísticas dialogam com uma longa trajetória histórica de conexão entre humanidade e natureza, as quais estão presentes desde as primeiras civilizações, como os sumérios, que se fixaram nas proximidades dos rios Tigre e Eufrates, reconhecendo a terra como espaço de vida, muito além de sua função produtiva (Abramovay, 2000).

Contudo, esse olhar sobre a terra sofreu profundas alterações com a ascensão do capitalismo, entendido aqui não apenas como modo de produção, mas como lógica de organização da vida social. A urbanização e a industrialização promoveram um deslocamento da centralidade da vida rural para o espaço urbano, alterando radicalmente os modos de habitar, produzir e se relacionar com o ambiente. A partir daí, o campo passou a ser progressivamente marginalizado, tanto física quanto simbolicamente, limitando-se ao seu sentido produtivo de suporte às cidades (Sposito, 1988).

No Brasil, esse processo ocorreu de maneira tardia e acelerada, com a consolidação da industrialização apenas no século XX. Até a década de 1970, a maioria da população ainda vivia no campo, “entre 1940 e 1980, dá-se a verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira” (Santos, 1993, p. 29). A rápida urbanização que se seguiu não eliminou, no entanto, os vínculos históricos, afetivos e culturais com o meio rural, que persistem, mesmo sob novas formas.

É justamente essa permanência, reconfigurada de outras maneiras dos habitantes do meio rural que nos interessa observar. Mesmo diante das transformações provocadas pela urbanização acelerada e pela lógica do agronegócio (que converte a terra em fonte de produção de mercadorias), o vínculo com a terra continua. Seja através daqueles que permanecem no espaço rural, produzindo seu sustento e preservando saberes tradicionais (Hein; Silva, 2019), seja por meio de pessoas que, mesmo residindo em áreas urbanas, buscam o campo como alternativa de qualidade de vida, saúde mental, lazer ou reconexão com suas raízes culturais.

Dessa forma, propomos neste artigo uma análise que vai além da pura nostalgia: buscamos compreender o rural como expressão viva de uma identidade cultural em constante reinvenção, marcada por práticas que resistem aos processos de apagamento frente à lógica capitalista. Para tanto, analisamos experiências concretas de conexão com o campo a partir dos trilheiros, participantes de caminhadas ecológicas, cavalgadas e que se expressam por meio das redes sociais, reforçando a centralidade do campo como lugar de vida, cultura e resistência. Nesse texto, aprofundamos essas experiências ao município de Roncador, Paraná.

Assim sendo, o município de Roncador, localizado na mesorregião centro-ocidental paranaense, conta com uma população de 11.251 habitantes, conforme dados do censo demográfico de 2022, a partir do levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). O município possui uma economia essencialmente agrícola, voltada às culturas de exportação, nas quais grande parte da população está envolvida com atividades relacionadas ao espaço rural, como o trabalho nas lavouras, além do comércio associado à prestação de serviços destinados ao atendimento das demandas do meio rural. Desse modo, embora Roncador concentre a maior parte da população na área urbana, mantém vínculos socioeconômicos com o espaço rural.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, com base em levantamento bibliográfico e no relato de práticas vivenciadas que fortalecem o campo. Desse modo, o texto está organizado em seções articuladas entre si. Iniciamos com o percurso metodológico da pesquisa, seguido das correlações entre o espaço urbano e o rural, refletindo sobre como suas fronteiras têm se tornado cada vez mais fluidas. Em seguida, realizamos uma análise valorativa das atividades culturais que dinamizam o turismo rural e promovem formas alternativas de pertencimento, como trilhas de moto, caminhadas ecológicas e cavalgadas. Posteriormente, apresentamos experiências de jovens que vivem no campo e reafirmam esse território como espaço de vivência e identidade, a partir do estilo de vida e do trabalho. Seguido de nossas considerações finais e referências utilizadas neste estudo.

Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico e na análise de temáticas relacionadas ao campo e ao espaço rural, aos Estudos Culturais e à Geografia Cultural, seguida pela realização de análises e pela redação dos resultados.

Concomitantemente, o estudo se articulou com relatos de participantes de atividades como cavalgadas, trilhas de moto e a “Caminhada da Natureza”, a partir de conversas informais com sujeitos que reafirmam suas identidades e senso de pertencimento por meio da divulgação de suas rotinas e práticas laborais pelas redes sociais.

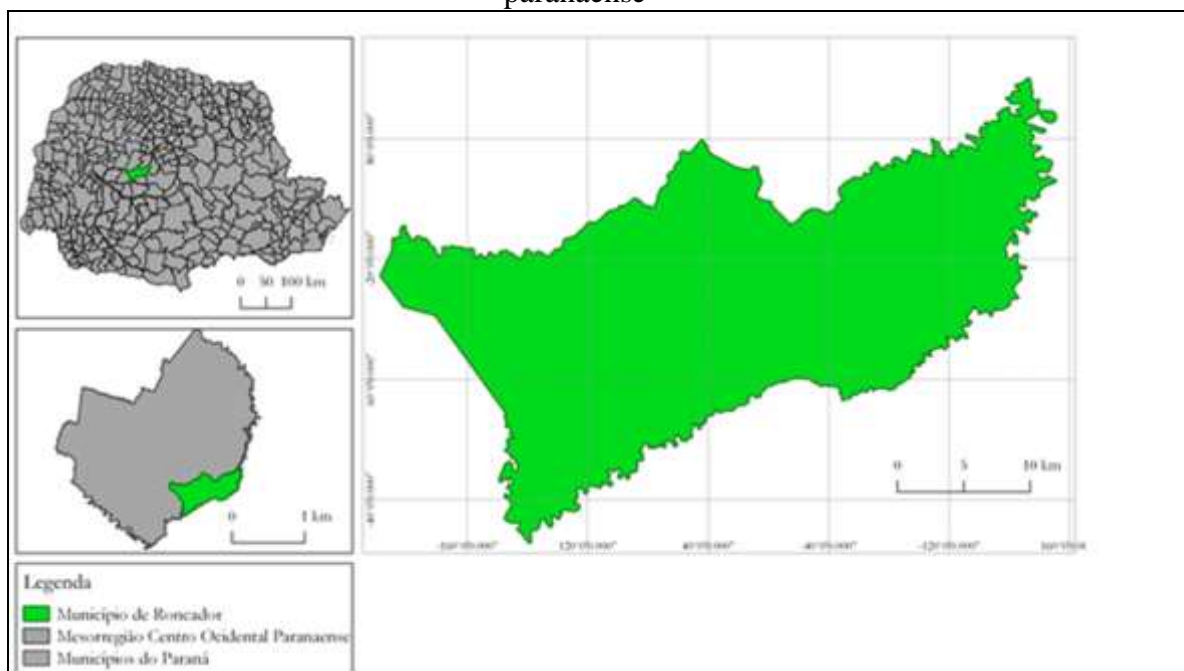
Optamos por essa abordagem por permitir compreender as experiências dos sujeitos em sua relação com o espaço vivido, valorizando os sentidos atribuídos por eles às práticas culturais e territoriais, em diálogo com a fundamentação teórica que orienta a pesquisa. Os sujeitos que contribuíram com seus depoimentos foram escolhidos de maneira intencional, por representarem expressões significativas da temática discutida, especialmente a ligação afetiva com o campo.

Os registros dos dados foram realizados por meio de anotações em diário de campo, além dos registros fotográficos e transcrição de trechos significativos das falas, que posteriormente foram organizados para análise. Assim, seguimos critérios

temáticos, buscando identificar expressões de identidade, pertencimento e valorização cultural, conforme o levantamento bibliográfico realizado anteriormente. Com base nas experiências no município de Roncador, escolhemos esse recorte espacial para a pesquisa, considerando estudos anteriores já realizados, além do fato de que o município representa a realidade de diversas localidades de pequeno porte, cuja economia essencialmente agrícola vem sendo impactada ao longo dos anos pelo esvaziamento populacional, consequência do avanço de um modelo de agronegócio predatório.

Da mesma forma, outros municípios paranaenses apresentam realidade semelhante. Nesse sentido, Roncador não apenas expressa uma condição local, é um exemplo que dialoga com processos mais amplos vividos em diferentes territórios rurais do país, evidenciando a importância de compreender tais dinâmicas sob a ótica da Geografia Cultural. A Figura 1 apresenta a localização geográfica do município de Roncador na mesorregião centro-ocidental paranaense.

Figura 1: Localização do município de Roncador na mesorregião centro ocidental paranaense



Fonte: Organizado pelos autores (2025) com base em Celepar (2021).

O município representa a realidade regional, com economia voltada às culturas de exportação (soja e milho de safra normal). A área destinada ao cultivo da soja

corresponde à maior fração das terras agricultáveis do município. A pecuária leiteira e a de corte também são atividades econômicas importantes que, além de constituírem a força motriz econômica local, resgatam o princípio das ligações e do contato com a terra, conforme evidenciado em registros divulgados em redes sociais, no que interfere diretamente nas práticas socioculturais desses sujeitos em relação ao campo enquanto simbologia de suas vivências.

Tais registros buscam dar visibilidade às populações do meio rural e suas práticas, compreendendo-as como fundamentais para a história nacional da cultura brasileira e para a construção do saber integrado nas Humanidades acerca das diferentes práticas culturais, contextualizados com fatores cotidiano, como o trabalho, a ligação com a terra, e os vínculos de pertencimento. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP Unespar (CAAE 52685221.0.0000.9247).

Quando o rural atravessa o urbano (e vice-versa): onde está a fronteira?

Historicamente, campo e cidade foram vistos como opostos, com o rural associado a ritmos lentos e saberes tradicionais, e o urbano a uma lógica acelerada e industrial (Oliveira, 2023). Essa dicotomia é frequentemente retratada na cultura popular brasileira como ilustrado na Figura 2:

Figura 2: Personagens marcantes representando a cultura do campo



Fonte: Acervo Nilson Xavier (2025).

A figura apresenta personagens icônicos da cultura brasileira, como Amácio Mazzaropi (2A) e Sérgio Guizé como Candinho (2B), personagem da novela *Êta Mundo Bom* (2016), que recentemente ganhou uma continuação *Êta Mundo Melhor* (2025), que retratam o homem do campo como símbolo de solidariedade e conexão com a terra, desafiando os estereótipos urbanos de atraso. Essas representações midiáticas, apesar de suas limitações, reforçam o apego à natureza e à coletividade. Especialmente, Candinho, com seu burro de estimação e companheiro Policarpo, sempre busca garantir melhor qualidade de vida a seu companheiro.

Em ambos os exemplos, o campo é retratado não apenas como um espaço físico, mas como um modo de ser e viver que se reinventa e critica a lógica urbana desenfreada. No entanto, é necessário problematizar essas representações para que não se reduzam a caricaturas romantizadas ou humorísticas, que acabam simplificando a complexidade do homem do campo em suas múltiplas dimensões socioculturais. Embora evidenciem valores como solidariedade e vínculo socioafetivo com a terra, muitas vezes a mídia reforça visões estereotipadas que ocultam as dificuldades cotidianas, os conflitos fundiários e as transformações socioeconômicas que atravessam a vida rural. Nesse sentido, as narrativas midiáticas não apenas moldam a forma como o campo é visto pela sociedade urbana, mas também influenciam as próprias dinâmicas de reconhecimento e valorização da vida no campo, portanto, a cultura midiática tem uma responsabilidade nesse processo.

A urbanização intensa, aliada às novas formas de mobilidade e circulação de informações, vem produzindo uma sobreposição de territórios e experiências, em que elementos do espaço urbano estão presentes no rural e vice-versa, no entanto, balizados pela lógica do capital e da produtividade agropecuária, como é o caso da maior parte dos municípios de pequeno e médio porte no Estado do Paraná (Ipardes, 2023), que neste estudo, representado pelo município de Roncador.

A partir da análise de Santos (1996), os dados estatísticos referentes ao Estado do Paraná (Ipardes, 2023), revelam que, nas pequenas e médias cidades, o campo comanda a vida econômica e social, por meio de atividades secundárias e terciárias voltadas a atender os recursos advindos do campo (setor primário). Essa perspectiva, alinhada à de Abramovay (2000), evidencia a complexidade de separar a vida urbana e rural no Brasil, seja no aspecto cultural, seja no produtivo.

De acordo com Santos (1996), a fronteira entre campo e cidade é simbólica, fluida e socialmente construída, emergindo de práticas culturais, fluxos migratórios e redes de pertencimento que conectam o rural ao urbano por meio da memória e da identidade. Essa construção cultural, conforme Eagleton (2011), é essencial para compreender as variáveis geográficas, históricas e culturais que moldam a vida cotidiana.

Atualmente, vivemos em uma sociedade altamente urbanizada e tecnológica, na qual os centros urbanos se consolidaram como espaços estratégicos de comunicação, integração social e econômica, sendo frequentemente considerados os centros do capital e da vida social contemporânea (Sposito, 1988). Por outro lado, o campo tem sido cada vez mais submetido a um modelo de agronegócio exploratório, em que a terra é reduzida à lógica do lucro e exploração econômica.

Segundo Martins (1994), o processo de modernização no campo brasileiro impôs uma ruptura entre a terra como espaço de vida e a terra como capital, provocando o esvaziamento simbólico das comunidades rurais, sendo os espaços rurais fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo do Brasil. Complementando, Wanderley (2009) argumenta que o mundo rural deve ser compreendido não mais como uma civilização agrária, mas como parte de uma sociedade urbano-industrial.

O estilo sertanejo universitário, por exemplo, muitas vezes retrata um rural idealizado, domesticado pelos interesses do capital, em que a figura do “*agrobó*”¹ representa não o trabalhador, mas o dono da terra, o consumidor de luxo, e isso está longe da realidade da agricultura familiar; para os autores Oliveira, Bovo e Maciel (2025, p. 16), “a música sertaneja é execrada pelo consumo, ostentação e defesa do agronegócio, esquecendo os valores autênticos da vida ‘no’ campo (identidade cultural) em favor de viver ‘do’ campo (rentabilidade do agronegócio)”.

Enquanto isso, pequenos produtores resistem com práticas sustentáveis, valorizando o saber-fazer local por meio de saberes ancestrais, desenvolvendo atividades agropecuárias com respeito à terra e valorizando suas raízes, em que esse

¹ “[...] *agrobó* é uma expressão coloquial, que mescla jovens envolvidos com as atividades agropecuárias, nas quais suas identidades culturais reverberam-se por meio do uso de roupas de trabalho típicas do campo, botas, chapéus, entre outros ornamentos, além do envolvimento em atividades relacionadas ao setor agropecuário, como o manejo de animais e o trabalho na terra” (Oliveira, 2023, p. 132). Neste estudo destacou-se que essa terminologia representa uma apropriação simbólica que desvirtua o sentimento de pertencimento ao campo.

processo se refere a uma forma de justiça social no próprio campo. Esse confronto revela não apenas uma disputa econômica, mas também simbólica: quem tem o direito de narrar os modos de vida que caracterizam a identidade cultural dos povos do campo? Quem usa a terra, ou quem faz parte dela?

Nosso intuito não é hierarquizar campo e cidade, tampouco idealizar o meio rural. É urgente reconhecer que as populações do campo permanecem invisibilizadas nas políticas públicas e nos discursos sociais, especialmente no que tange à representatividade, carecendo da justiça social, uma vez que a música sertaneja contemporânea não representa a totalidade da população campesina, mas atende a grupo específico: quem usa da terra para obter lucro (Oliveira; Bovo; Maciel, 2025).

Quando discutimos identidade cultural rural, falamos da luta por reconhecimento, por espaço, por memória. Hall (2020) argumenta que a identidade é uma construção dinâmica, atravessada por relações de poder e resistência e moldada pelas vivências dos sujeitos. Assim, defender a cultura do campo é também uma forma de romper com os estereótipos que ainda o definem como um lugar de atraso ou ignorância, ou como mero espaço de produção, podendo o campo ser valorizado por sua potencialidade em promover a qualidade de vida, superando as representações midiáticas superficiais que reduzem o homem do campo a uma única dimensão, conforme evidenciado anteriormente.

Portanto, entendemos que as fronteiras entre o rural e o urbano, enquanto espaços físicos e socioculturais, são tênues, simultaneamente separando e aproximando as populações que constroem e ressignificam suas práticas. É necessário reconhecer esses povos, valorizando seus saberes e tradições, sem sobrepor um ao outro, considerando a complexidade da cultura brasileira.

Nesse movimento de valorização, o campo frequentemente enfrenta desvantagens em relação às cidades, tornando as manifestações culturais que promovem seus povos e a qualidade desse espaço não apenas relevantes, mas necessárias. Nesse contexto, os discursos em redes sociais e na mídia em geral, como filmes, novelas, séries que valorizam a identidade dos povos do campo não são resquícios do passado, mas uma presença viva que merece reconhecimento, como evidenciado pela

repercussão e audiência da novela *Êta Mundo Melhor*, com temática rural², e pelo engajamento nas redes sociais.

A partir dessa compreensão, percebemos que as redes sociais têm se tornado ferramentas de afirmação identitária. Nesse sentido, na próxima seção, buscamos mostrar que a vida no campo expressa por meio de conteúdos como trilheiros, cavalgadas, caminhadas ecológicas, além de jovens e adultos compartilhando suas rotinas no campo, por meio do discurso do orgulho de “ser do campo”, traduzem a memória, a coletividade e o pertencimento de quem encontra nesse ambiente maneiras de ser e existir ancoradas na qualidade de vida e na conexão entre os membros da comunidade rural.

De cima do morro, o campo é mais que uma paisagem — é identidade

A busca por entretenimento, diversão e hobbies tem se tornado uma necessidade diante das pressões do cotidiano urbano. Em meio ao ritmo acelerado, ao excesso de ruídos e à constante sobrecarga emocional, evidenciadas pela percepção de “falta de tempo”, muitas pessoas voltam o olhar para o campo como refúgio e espaço de relaxamento.

Nesse movimento, o espaço rural passa a ser visto não apenas como um cenário de calmaria, mas como território que oferece experiências autênticas, ligadas à terra, à natureza e carregado de significados, como destaca Claval (2001, p. 46) a partir de uma análise geográfica “o que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraíndo uma experiência”.

É nesse contexto que surgem práticas como as trilhas de moto em estradas não pavimentadas, uma prática de destaque em áreas rurais, que oferece oportunidades de explorar o espaço como hobby e esporte. Nelas os trilheiros, ao subirem os morros, não apenas enfrentam desafios físicos, mas também se conectam com paisagens naturais,

² Compreendida como produto da cultura de massa, a telenovela ocupa lugar de destaque na cultura popular brasileira, alcançando amplos públicos. A novela *Êta Mundo Melhor!* apresentou índices elevados de audiência na TV aberta, superando produções anteriores, além de ampla repercussão nas redes sociais. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2025/07/07/eta-mundo-melhor-encerra-1-semana-em-alta-e-tem-melhor-sabado-desde-2019-228268.php>. Acesso em: 13 jul. 2025.

como florestas, montanhas e rios. Nesse contexto, a equipe “*Us Roia - Alto São João*” ilustra essa prática, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3: Motos e logotipo da *Equipe Us Roia*



Fonte: Instagram: https://www.instagram.com/equipe_us_roia_asj/ (2025).

A Figura 3 ilustra a equipe *Us Roia* – Alto São João, mostrando o portal de acesso ao distrito de Roncador, uma moto específica para trilhas, a placa de chegada de uma trilha e uma moto em ação, simbolizando a conexão entre trilheiros e o território rural. O logotipo e o lema “aqui nem cavalo anda” reforçam a identidade coletiva e o desafio de explorar paisagens rurais íngremes, como a chegada ao topo de morros, resistindo à marginalização do campo, como espaço meramente produtivo.

Ao questionarmos sobre o nome da equipe, um integrante explica a partir de um depoimento quando cedeu as imagens aqui apresentadas: “somos um grupo de trilheiros iniciantes, e Roia significa aquele que anda mal de moto, muitas vezes por ser iniciante, no qual, buscamos avançar e progredir” (Trilheiro do Grupo, 2025). Esses desafios são

registrados na página do Instagram da equipe³, opondo-se à lógica de apagamento das vivências coletivas no campo.

O grupo é composto por moradores do distrito de Alto São João, que vivem de atividades agropecuárias, e por membros residentes em áreas urbanas, que participam não apenas por *hobby* ou esporte, mas também para se aproximar da natureza e fortalecer os vínculos comunitários entre trilheiros, especialmente diante das dinâmicas urbanas que dificultam momentos coletivos.

Entre as atividades da equipe, destacam-se encontros regionais com outras equipes de trilheiros, que exploram paisagens rurais em diferentes municípios. A equipe *Us Roia*, por exemplo, já participou de eventos como convidada, demonstrando uma aproximação entre campo e cidade, uma vez que familiares dos trilheiros também comparecem aos locais das trilhas para prestigiar os eventos.

Esses momentos fortalecem as conexões com o campo como estilo de vida, configurando rituais de corpo e território que conectam pessoas por meio de uma atividade em comum: o “andar de moto”. Essa prática sociocultural valoriza os espaços rurais por meio do turismo. Outro exemplo são circuitos os circuitos das Caminhadas na Natureza Paraná.

A promoção do turismo rural através das Caminhadas na Natureza Paraná

Outro evento que aproxima campo e cidade são as Caminhadas na Natureza Paraná, promovidas principalmente pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná, 2025), em parceria com prefeituras, produtores rurais e empresas locais. Esse evento promove a prática de exercícios físicos em meio à natureza, valorizando a agricultura familiar e o turismo rural por meio da contemplação de paisagens locais; Andrade *et al.* (2015, p. 6) apresentam uma conceituação do turismo rural:

o turismo rural pode ser entendido como uma prática que envolve atividades ao ar livre, vivência da vida no campo, gastronomia regional, artesanato e

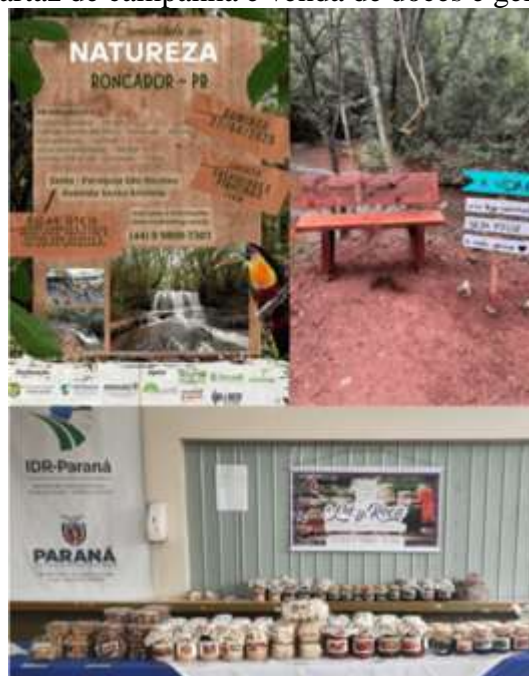
³ Página do Instagram da equipe pode ser acessada pelo link https://www.instagram.com/equipe_us_roia_asj/, em tempos de *algoritmos*, é simbólico — e potente — ver jovens e adultos mostrando suas rotinas no campo.

produtos, em um contexto que faça do visitante mais que mero expectador. O consumidor deseja aprender sobre os processos de produção, sobre a cultura e, principalmente, anseia por interagir com esse ambiente. O turismo rural possui como arcabouço a valorização dos aspectos tangíveis e intangíveis do patrimônio, da paisagem e da cultura no meio rural. E é esse sentido de valor que promove o envolvimento das comunidades agrícolas em prol do desenvolvimento do turismo.

Entendemos, dessa maneira, que o turismo rural vai muito além de uma simples visita ao campo, pois, ao considerar os aspectos envolvidos da comunidade em seu desenvolvimento, refere-se a uma forma de ressignificar os espaços rurais, constituindo uma possibilidade de valorização do patrimônio local.

Conforme o IDR Paraná (2025), as Caminhadas na Natureza de 2023 injetaram R\$ 1,2 milhão nas economias locais, atraindo mais de 48 mil participantes para o turismo rural, contribuindo para o desenvolvimento de pequenos municípios em parceria com produtores a agricultura familiar, como no evento realizado em Roncador (Figura 4).

Figura 4: Cartaz de campanha e venda de doces e geleias caseiros



Fonte: Os autores (2025).

Em sua sétima edição no município, a Caminhada contou com 397 participantes, que puderam explorar cachoeiras e pinheirais da paisagem rural local, percorrendo trilhas às margens do rio Roncador (o curso d'água que dá nome ao município). Além

da presença de moradores, o evento atraiu visitantes de outros municípios, que vieram participar da atividade para se conectar com a natureza, vivenciar o ambiente rural e desfrutar de uma refeição caseira, com pratos típicos locais.

Durante o evento, também foi possível adquirir doces, geleias e bolachas produzidas por uma agricultora local, proprietária da marca “Lá da Roça”, que destaca o impacto de sua produção: “meus doces já foram parar até nos Estados Unidos. As pessoas buscam por serem caseiros, por remeterem à infância. Eu tenho outras fontes de renda, mas faço essa produção por esse compromisso afetivo” (proprietária do Lá da Roça, 2025).

Além disso, outros produtores da agricultura familiar também estiveram presentes, comercializando seus produtos. A programação contou ainda com apresentações de danças típicas da cultura ucraniana, realizadas pelo Grupo Folclórico *Vesná* de Roncador, que se dedica a preservar e valorizar as tradições da comunidade ucraniana por meio da arte.

Esse evento promove a integração entre municípios, a valorização da cultura local e o fortalecimento do turismo rural. O simples ato de caminhar ganha um valor simbólico (Claval, 2001), proporcionando uma experiência de conexão com a natureza, com a contemplação das belezas das paisagens rurais e o reconhecimento da importância da vida no campo, a partir da integração dos turistas com o meio natural e rural (Andrade *et al.*, 2015). Na próxima seção, apresentamos as cavalgadas, outra prática que promove conexão com o espaço rural por meio de um simbolismo cultural.

Cavalgadas: tradição que perpassa gerações mantendo a fé e a essência de um povo

Outro evento marcante nos pequenos municípios paranaenses são as cavalgadas, nas quais grupos de cavaleiros e Amazonas se reúnem para percorrer trajetos pela zona rural. Esses eventos, frequentemente estão associados a festas religiosas da fé católica⁴, em homenagem aos padroeiros locais, como as festividades da Igreja São João Batista,

⁴ Reconhecemos que o município abriga diferentes manifestações de fé, e, enquanto pesquisadores da área das Humanidades, buscamos combater quaisquer formas de intolerância religiosa ou hierarquização entre crenças. O objetivo aqui é apresentar uma prática específica do catolicismo em pequenos municípios, entendendo-a como expressão da cultura campestre.

que dá nome ao distrito de Alto São João, e as festas de São Pedro e São Nicolau, padroeiros do município de Roncador. Cavalgadas também ocorrem em outras comunidades rurais menores do município.

Destacamos que esse tipo de evento altera a dinâmica socioeconômica dos pequenos municípios paranaenses, uma vez que, durante as festividades, as cidades, distritos e comunidades recebem visitantes de outras localidades, muitas vezes, de centros urbanos maiores regionais. Esses visitantes têm como objetivo participar das celebrações, ao mesmo tempo em que buscam reencontrar familiares que permaneceram no município ou visitar locais que foram palco de suas vivências, começo de suas trajetórias e elementos marcantes da identidade cultural, antes de migrarem para outras cidades por questões socioeconômicas, como a busca por outras oportunidades de trabalho. Além disso, eles participam de momentos significativos dessas festividades, como, por exemplo, as cavalgadas.

As cavalgadas reúnem cavaleiros e amazonas de diferentes gerações, percorrendo o território rural em um ato de devoção religiosa e integração com a natureza. Essa tradição, enraizada na cultura campestre, resiste às pressões da urbanização, reafirmando a identidade rural como espaço de memória e pertencimento, conforme ilustrado na Figura 5.

Figura 5: Cavalgada no município e bênção do pároco da Igreja São Pedro



Fonte: Site Você Região – Jorge Tolim (2025).

Ao reunir diferentes gerações em torno de costumes que atravessam o tempo, como as cavalgadas, observa-se o destaque do campo em meio às transformações sociais e culturais. Trata-se de um território não apenas geográfico, mas simbólico

(Claval, 2001), onde valores como religiosidade, coletividade, memória e pertencimento se entrelaçam, constituindo o que Eagleton (2011) define como cultura: um elemento vivo, produto da organização das sociedades.

As cavalgadas reafirmam a identidade rural por meio de trajes típicos dos participantes, músicas sertanejas, montarias e ritos religiosos e de partilha, consolidando o campo como um espaço de produção de sentidos e afirmação de um modo de vida que dialoga com transformações contemporâneas, como a amplificação cultural nas redes sociais.

Apesar das pressões da urbanização e da modernidade, essas práticas culturais persistem e se renovam, evidenciando a força das tradições como elementos estruturantes da identidade dos povos do campo. Na próxima seção, expomos como essas manifestações também ganham força nas redes sociais, onde jovens e adultos compartilham, com orgulho, sua vivência no campo e as tradições que os conectam às suas raízes.

Algoritmos que trabalham: a valorização da vida no campo

Embora frequentemente associadas ao consumo e às tendências efêmeras sob a lógica do capitalismo de vigilância⁵, em que dados de usuários são coletados e transformados em mercadorias (Zuboff, 2020), as redes sociais também funcionam como ambientes de visibilidade, resistência e valorização cultural. Ao compartilharem registros de momentos no campo, essas plataformas desafiam seu uso hegemônico, reafirmando identidades e fortalecendo laços comunitários, nesse viés, Recuero (2012) destaca que:

As conexões entre os indivíduos não são apenas laços sociais constituídos de relações sociais. No meio digital, as conexões entre os atores são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações. As conexões são estabelecidas através dessas ferramentas e mantidas por elas. (Recuero, 2022, p. 2).

⁵ O capitalismo de vigilância é uma mutação do capitalismo da informação, que nos coloca diante de um desafio civilizacional. As Big Techs – seguidas por outras firmas, laboratórios e governos – usam tecnologias da informação e comunicação (TIC) para expropriar a experiência humana, que se torna matéria-prima processada e mercantilizada como dados comportamentais (Koerner, 2021, p. 1).

Os registros em redes sociais, como vídeos, fotos e postagens, embora consumidos instantaneamente, expressam perspectivas de pertencimento e orgulho de viver no campo. Além disso, essas manifestações permitem que esses saberes e práticas ultrapassem os limites geográficos, oferecendo visibilidade a modos de vida frequentemente invisibilizados pela narrativa urbana dominante.

Compartilhamentos de atividades agropecuárias e eventos, por exemplo, demonstram uma resistência identitária dos povos rurais, reavendo a justiça social para que aqueles que vivem no campo tenham suas práticas cotidianas reconhecidas e valorizadas. Conforme Hall (2020, p. 44), “as identidades [...] representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento”, evidenciando que esses espaços abrigam costumes e tradições e não apenas plantações voltadas ao agronegócio. Essa compreensão se relaciona à música “No Rancho Fundo”, conforme apresentada anteriormente, pois celebra a vida simples do campo, os afetos, os rituais cotidianos e a ligação emocional com a terra, evidenciando valores de conexão e pertencimento e reforçando como a cultura e a memória rural configuram identidades que vão além da lógica produtiva. Alguns exemplos de registros identitários, postados em redes sociais, são apresentados na Figura 6.

Figura 6: Registros da vida no campo



Fonte: Participantes da pesquisa (2025).

A partir da análise desses registros, evidenciamos a integração com a natureza proporcionada pelo contato com o espaço rural, por meio de práticas de lazer, como o andar de moto, placas que valorizam o local, como ponto de distância para outros municípios, Estados e países, além de contemplar paisagens entre plantações e explorar áreas rurais com um veículo adaptado.

Essas práticas são realizadas por jovens que encontram no campo formas de lazer e pertencimento, especificadas no distrito de Alto São João, em Roncador. Um exemplo está na Figura 5, em que um jovem batizou seu veículo de “*gaiola*”, utilizado nos finais de semana com amigos, para explorar áreas de pastagem e vivenciar a emoção de estar imerso no ambiente rural. Segundo ele, “essa *gaiola* é adaptada para o sítio, tem uma cabeça de boi e outros elementos. Nos finais de semana, reúnem-se vários amigos, inclusive pessoas da cidade, para sentir a emoção de andar nesse veículo e explorar as paisagens do sítio” (Participante da pesquisa – dono da *gaiola*, 2025).

As redes sociais também se tornam espaço para os jovens compartilharem sua rotina de trabalho no campo, mostrando atividades como a pecuária leiteira, a pecuária de corte e o cultivo de diversas plantações, as quais demonstram o campo como um espaço de ligação com a terra, integrando aspectos de produção e sentimentos de conexão.

Os registros de trabalho no campo, como os destacados, são frequentemente compartilhados com músicas que valorizam a vida rural. Além de expressarem um estilo próprio, essas postagens revelam um sentimento de compromisso com suas atividades e reforçam o orgulho de ser do campo.

Trata-se de jovens agricultores que vivem da agricultura familiar ou atuam em pequenas lavouras, mantendo vínculo direto com a terra, o que os distancia da lógica dos grandes latifúndios voltados unicamente ao lucro. Ao compartilharem suas tradições, vivências e atividades laborais nas redes sociais, esses jovens demonstram que o espaço rural não está preso a uma ideia ultrapassada de atraso, como outrora estigmatizado, mas, ao contrário, é um território vivo, legítimo e repleto de significado.

Nesse contexto, tradições e inovações se combinam: saberes herdados se articulam com novas tecnologias e estratégias digitais, como as redes sociais, fortalecendo a identidade rural ao valorizar o legado geracional e incorporar novos

elementos às práticas culturais, ampliando as possibilidades de desenvolvimento sustentável, senso de pertencimento e progresso social dessas comunidades.

Os *algoritmos*⁶, ao impulsionarem esses conteúdos, possuem uma implicação intrínseca, seja para vender, divulgar ou destacar uma marca. Paralelamente, tornam-se aliados na promoção da visibilidade das culturas camponesas, permitindo que práticas antes restritas ao território físico se expandam e alcancem novos públicos (Oliveira, 2023), conectando tradições e tecnologias em uma narrativa contemporânea. É nesse cruzamento entre o campo e o digital que se fortalece uma nova forma de afirmação identitária, desafiando a subordinação do campo à lógica urbana no sistema capitalista (Spósito, 1988).

Essas ações desafiam a lógica neoliberal de homogeneização cultural, promovendo a troca cultural e o espaço para diversas manifestações identitárias, reafirmando as identidades rurais e fortalecendo um diálogo entre o local e global (Hall, 2020). Esse movimento pode contribuir para um modelo de sociedade mais justo e inclusivo, valorizando as experiências humanas como um construto social (Claval, 2001), assim como a música “No Rancho Fundo” celebra a vida simples do campo, os afetos e a conexão com a terra reforçam a importância de valorizar e preservar as identidades, os saberes, tradições e as práticas rurais em sua dimensão sociocultural como representatividade desses povos.

Considerações finais

Nesta análise, ao integrarmos diferentes áreas do conhecimento, como a Geografia, os Estudos Culturais, a Antropologia e a Sociologia, buscamos valorizar o indivíduo e suas vivências. Em um país de dimensões continentais, é essencial reconhecer e fortalecer as múltiplas identidades que compõem o Brasil. Tornar a pesquisa um meio de dar visibilidade ao povo é também torná-la academicamente inclusiva, acolhendo narrativas historicamente silenciadas e promovendo espaços para que suas histórias sejam contadas com dignidade.

⁶ “Os *algoritmos* e linguagens de programação, a coleta e armazenamento dos dados digitais, além de lógica e controle, contêm implicações políticas, sociais e econômicas, servindo em sua maioria a um grupo dominante que regula os regimes de informação. Vivemos um novo capitalismo, diferente do capitalismo mercantil, industrial ou até mesmo o capitalismo liberal” (Amarante; Medeiros, 2021, p. 625). Coaduna com o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020).

Apesar da diversidade cultural brasileira, as práticas rurais seguem marginalizadas, frequentemente reduzidas a estereótipos folclóricos, em uma generalização como ocorre em festas juninas, enquanto expressões culturais urbanas são valorizadas por sua circulação nos grandes centros ou por seu valor comercial. Reconhecer essa desigualdade simbólica é um passo essencial para pensar políticas públicas que promovam a justiça cultural, um começo já é possível com o turismo rural, em que é necessário amplificar essas manifestações do campo como expressão viva da identidade nacional.

Mesmo com o avanço do agronegócio e do capitalismo predatório, as vivências e histórias dos povos do campo permanecem vivas e relevantes. As narrativas desses indivíduos, seja através de trilhas de moto, caminhadas na natureza ou cavalgadas, demonstram que a ligação com a terra e a natureza ainda é forte, mesmo diante dos desafios da urbanização.

As narrativas de indivíduos que retornaram ao meio rural ou que, mesmo sem lograr êxito em sua permanência, buscaram manter laços com o campo, evidenciam um profundo senso de pertencimento e identidade que transcende transformações socioculturais e temporais. Essas trajetórias, como as de muitos que migraram para centros urbanos por razões familiares ou socioeconômicas⁷, refletem as diversas realidades dos povos do campo. Mesmo em contextos urbanos, a conexão com o rural permanece como um fio condutor de memória e afeto, manifestada em práticas de reconexão cultural e emocional.

Essas experiências ilustram a complexidade das dinâmicas rurais contemporâneas e reforçam a necessidade de incorporar tais narrativas ao estudo da cultura e identidade do campo. Este artigo contribui para uma compreensão mais ampla das interseções entre memória, pertencimento e transformações socioculturais que moldam as realidades desses povos.

⁷ *Meu tio Joaquim, falecido no início de 2025, permanece como um exemplo vivo do apego emocional descrito neste artigo: embora tenha vivido grande parte de sua vida na cidade, seu coração sempre esteve ancorado no campo, lugar de sua origem e início de sua jornada, refletindo a identidade e o pertencimento aqui discutidos. Sua trajetória inspira este recorte temático sobre a vida e a identidade dos povos do campo, e, como forma de honrar sua memória, deixo esta singela homenagem — um reconhecimento de sua vida que me inspira a seguir pesquisando, representando e valorizando as histórias e saberes do campo.*

Portanto, essas narrativas não devem ser vistas apenas como expressões de nostalgia, mas como fenômenos culturais vivos que enriquecem a sociedade e promovem um desenvolvimento humano e social mais inclusivo. As experiências apresentadas ao longo do texto não são eventos isolados; ao contrário, complementam-se como manifestações diversas, por meio das quais o campo resiste e afirma sua identidade.

Como apresentadas no município de Roncador, seja a pé, a cavalo ou de moto, cada uma dessas práticas socioculturais expressa a força das tradições e o orgulho de pertencer ao campo, revelando sua importância contínua na vida das pessoas e no fortalecimento da identidade rural, assim, conforme apresentado no início de nossa análise, o sentimento melancólico expresso na canção “No Rancho Fundo” dá lugar à esperança, em que o contato com o campo se reinventa e fortalece continuamente.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão. Rio de Janeiro: Ipea, 2000.
- ANDRADE, Helga Cristina Coelho et al. Atribuição de sentidos e agregação de valor: insumos para o Turismo Rural em regiões cafeeicultoras. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 333-346, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6441>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- AMARANTE, Natasha Duarte; MEDEIROS, Jackson da Silva. Papel social dos algoritmos: uma análise dos estudos acadêmicos acerca dos algoritmos e sua função social. **Informação & Informação**, [S/l], v. 26, n. 4, p. 620–644, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44501>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BARROSO, Ary; BABO, Lamartine. **No Rancho Fundo**. Interpretação: Chitãozinho & Xororó. 2023. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chitaozinho-e-xororo/45230/>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BOVO, Marcos Clair; OLIVEIRA, Julio Rodrigues de; MACIEL, Fred. Vivências em versos: a música como representação da identidade cultural dos povos do campo. **Orfeu**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/26447>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 205 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. 64 p.

HEIN, André Fernando; SILVA, Nardel Luiz Soares da. A insustentabilidade na agricultura familiar e o êxodo rural contemporâneo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 394-417, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 07 jul. 2025.

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Pesquisa por Amostra de Domicílios do Paraná (PAD PR): perfil socioeconômico dos municípios paranaenses**. Curitiba: IPARDES, 2025. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

KOERNER, Andrei. Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 36, n. 105, p. 1- 6, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/3RSTj7mCYh6YcHRnM8QZcYD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso: ensaios da sociologia lenta**. São Paulo: Hucitec, 1994. 176 p.

OLIVEIRA, Julio R. **Cultura e identidades culturais no campo: diversidade e pertencimento da juventude em um colégio do campo de Roncador/PR**. 2023. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

PARANÁ. AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS. **Caminhadas na Natureza já injetaram R\$ 1,2 milhão nas economias locais em 2023**. 2023. Disponível em: <https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Caminhadas-na-Natureza-ja-injetaram-R-12-milhao-nas-economias-locais-em-2023>. Acesso em: 13 jul. 2025.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: efeitos da difusão de informações nos sites de rede social. In: VIZER, Eduardo (org.). **Lo que McLuhan no previu**. Buenos Aires: Editorial La Crujía, v. 1, p. 205-223, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

SANTOS, Milton. A evolução recente da população urbana, agrícola e rural. In: SANTOS, Milton (org.). **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 29-34.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1988. 80 p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 60-85, 2009. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/308>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 800 p.

Autores

Julio Rodrigues de Oliveira – É graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atualmente é Professor da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED).

Endereço: Av. Presidente Kennedy, 2511, Curitiba, Paraná, Brasil, CEP: 80610-010.

Marcos Clair Bovo – É graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá(UEM) e Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente é Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Endereço: Av. Comendador Norberto Marcondes, 733, Campo Mourão, Paraná, Brasil, CEP: 87302-060.

Artigo recebido em: 01 de agosto de 2025.

Artigo aceito em: 20 de setembro de 2025.

Artigo publicado em: 25 de setembro de 2025.